

EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO ENSINO MÉDIO: REFLETINDO SOBRE A (NÃO) EXISTÊNCIA DE DIVERSIDADE CULTURAL NAS PRÁTICAS CORPORAIS¹

Ana Clara de Souza SIQUEIRA²
Estudante do Curso de Turismo
IFSP/Câmpus São Paulo

Daniel Teixeira MALDONADO³
Doutor em Educação Física – Universidade São Judas Tadeu
IFSP/Câmpus São Paulo

RESUMO

O objetivo desse estudo é analisar os temas relacionados com a diversidade cultural, os direitos humanos e as práticas corporais que estão sendo discutidos nas aulas de Educação Física. Foi realizada uma pesquisa documental de 82 crônicas dos estudantes do Ensino Médio que frequentam o Instituto Federal de São Paulo. Esses textos foram produzidos nas aulas de Educação Física, após reflexões sobre temas que envolvem as práticas corporais, os direitos humanos e a diversidade cultural. As crônicas analisadas mostraram que os/as alunos/as discutiram sobre machismo, racismo, homofobia, violência e saúde, relacionando essas temáticas com as práticas corporais.

Palavras-chave: Ensino Médio. Educação Física Escolar. Diversidade Cultural.

Introdução

A Educação Física Escolar é um componente curricular que passou por diferentes transformações ao longo da sua história. Durante o final do século XX e o início do século XXI, os docentes de Educação Física ensinaram nas escolas ginásticas de raízes européias, esportes coletivos e individuais e, mais recentemente, passaram a organizar projetos educativos com o objetivo de possibilitar que os estudantes reflitam, questionem, vivenciem e transformem todas as manifestações da cultura corporal de movimento (MALDONADO; SILVA, 2017a).

¹ Projeto de pesquisa vinculado ao Programa de Iniciação Científica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – *Câmpus* São Paulo.

² Endereço Eletrônico: annasiqueira92@gmail.com

³ Endereço Eletrônico: danielmaldonado@ifsp.edu.br

Nesse contexto, o professor de Educação Física que leciona na escola deixou de ser aquele profissional que vai apenas desenvolver atividades para melhorar a saúde dos alunos, organizar festas e eventos ou treinar equipes esportivas. Atualmente, esse/essa docente precisa pensar em bons projetos educativos que estimule a cidadania dos estudantes de todos os ciclos da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação de Jovens e Adultos), sendo assim considerado um/a professor/a intelectual (MALDONADO; NOGUEIRA; FARIAS, 2018).

Enfatizamos a função do/da professor/a de Educação Física na educação contemporânea por conta da área em que esse componente curricular se localiza dentro das escolas brasileiras. Desde a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997; 1998; 2000) até a finalização da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), a Educação Física é considerada uma disciplina que possui estreitas relações com outras como Artes, Inglês e Língua Portuguesa, sendo que todos esses componentes fazem parte da área de Linguagens e suas Tecnologias.

Portanto, os projetos educativos elaborados e implementados pelos professores de Educação Física precisam levar em conta as características da área de Linguagens. Na medida do possível, esses profissionais estão organizando a sua prática pedagógica com atividades de caráter interdisciplinar entre Inglês, Língua Portuguesa, Artes e Educação Física, sem perder a especificidade dos conteúdos relacionados com as práticas corporais (FILGUEIRAS; PACHECO, 2017).

Essa “nova” forma de se pensar a Educação Física Escolar não é hegemônica nas escolas, pois ainda muitos professores/as do componente estão em total desinvestimento pedagógico, acreditando que o seu objetivo enquanto docente é organizar os materiais e permitir que os/as estudantes realizem as práticas corporais que mais gostam. Entretanto, um grupo de docentes vem produzindo práticas pedagógicas inovadoras nessas aulas, tematizando diversificadas práticas corporais com os/as alunos/as na Educação Básica (BRACHT, 2018).

Uma das características dessas práticas pedagógicas inovadoras se relaciona com as discussões que esses/as docentes realizam nas aulas sobre fatos que ocorrem nas práticas corporais e refletem os padrões e comportamentos conservadores de uma parcela da sociedade atual. Assim, muitos professores e professoras começaram a

discutir com seus alunos e alunas questões de gênero, etnia, classe e religião, os quais atravessam constantemente as práticas corporais (NEIRA, 2017).

Sem se esforçar muito, lembramos de vários casos de racismo que ocorreram no futebol nos últimos anos, atitudes de homofobia em jogos de vôlei, tentativa de criminalizar o funk por determinados grupos religiosos e políticos, impossibilidade de crianças e adolescentes mais carentes praticarem esportes cujos implementos e materiais são caros, como o tênis, por exemplo, além do assédio sofrido por várias mulheres que praticam lutas e são discriminadas por conta disso.

Sabemos que essas situações acontecem e que as pessoas que são preconceituosas, e reproduzem essas atitudes nas práticas corporais, não estão respeitando os direitos humanos e a diversidade cultural que se avizinha na organização social do século XXI.

Nessa sociedade complexa, entendemos que é função dos/das professores/as de Educação Física criar estratégias para refletir e analisar com os alunos e as alunas esses diferentes casos de machismo, racismo, homofobia, preconceitos religiosos e de classe social que ocorrem nas danças, nas lutas, nas ginásticas, nos esportes e nos jogos e brincadeiras atualmente, possibilitando que esses/as jovens criem um pensamento crítico e uma postura cidadã sobre a diversidade cultural ao pensar na realização de diferentes práticas corporais.

Foi nesse contexto que surgiu a seguinte pergunta: Será que os estudantes do Ensino Médio estão discutindo todas essas questões relacionadas aos direitos humanos e à diversidade cultural durante as aulas de Educação Física?

Ao ler o capítulo de um livro, no qual um professor de Educação Física do Instituto Federal refletia com os estudantes sobre essas temáticas (MALDONADO *et al.*, 2017), surgiu a ideia de se realizar uma análise documental sobre os trabalhos produzidos pelos/as estudantes nas suas aulas. No texto lido desse professor, nos chamou a atenção que ele avaliava os seus/suas alunos/as a partir da produção de charges e crônicas.

Após entrar em contato com o professor, explicamos a pesquisa e pedimos permissão para a realização de uma análise das crônicas produzidas pelos/as jovens, a fim de identificar os temas relacionados com os direitos humanos e a diversidade cultural que eles estavam discutindo em aula.

Assim, o objetivo desse estudo é analisar os temas relacionados com a diversidade cultural, os direitos humanos e as práticas corporais que estão sendo discutidos nas aulas de Educação Física.

Método

Foi realizada uma pesquisa, na qual se utilizaram documentos como fonte de informação (FLICK, 2009).

Uma diversidade de fontes podem ser utilizadas na realização deste tipo de pesquisa, sejam elas sonoras, visuais ou impressas (LAVILLE; DIONNE, 1999). Na presente pesquisa, utilizamos como fonte de informações 82 crônicas que foram produzidas nas aulas de Educação Física Escolar do Instituto Federal de São Paulo, por turmas de Ensino Médio.

Os cursos que os/as estudantes faziam e o ano/série que eles estavam matriculados não foram descritos para manter o sigilo sobre as informações coletadas.

Durante a interpretação dos documentos identificados foi utilizada a técnica de análise de conteúdo (LAVILLE; DIONNE, 1999). As crônicas disponíveis foram analisadas procurando identificar as unidades de significado. Essas unidades de significado foram relacionadas aos temas que os/as estudantes discutiam durante a escrita dos seus textos.

Resultados

O que os estudantes aprenderam com as crônicas produzidas nas aulas de Educação Física?

Durante a análise, foram encontrados 17 textos que estavam relacionados com acontecimentos no futebol. Dentro de outros 62 textos, identificamos crônicas relacionadas com diversos temas, entre eles, racismo, machismo, homofobia, o preconceito sofrido por mulheres que se tornam atletas e por mulheres que não são atletas; novos tipos de esporte e inclusão. Foram encontrados três textos que falavam

sobre lutas. Dentre esses temas destacamos aqueles que estavam mais presentes nas falas dos estudantes.

De acordo com alguns discentes, muitas coisas são padronizadas no futebol, mas três situações se destacam por estarem não apenas presentes nos esportes, mas também no cotidiano de muitas pessoas, como o “racismo”, o “machismo”, e a “homofobia”. Vemos isso presente na seguinte fala do aluno: “Segundo algumas pessoas o futebol é um esporte apenas para homens e isso faz com que alguns dos jogadores fiquem com medo de assumir a sua orientação sexual”.

Os/as alunos/as que fizeram suas crônicas pautadas em futebol afirmaram que essa prática corporal sempre foi um esporte machista, desde muitos anos atrás, e que muitos desses jogadores preferem se calar para que não acabem sendo prejudicados ou se tornando alvos ainda maiores de piadinhas preconceituosas e racistas.

Nas crônicas, encontramos dois casos de atletas famosos que sofreram racismo, sendo os jogadores Aranha e Daniel Alves. Sobre esses casos, os/as estudantes dissertaram em seu texto sobre o fato acontecido com cada um deles “o jogador de futebol, Aranha, durante um partida de futebol foi chamado de macaco, ele foi alvo de racismo em público, denunciou o caso e perdeu muitas oportunidades de jogar em times grandes”. “O jogador Daniel Alves também foi alvo de racismo em público durante um campeonato espanhol. Atiraram uma banana no estádio e, ironizando a ação, o jogador comeu a banana ali mesmo e disse que esses atos racistas acontecem desde quando ele chegou na Espanha”.

Uma das discentes diz em seu texto que “o time de futebol do Rio de Janeiro luta pela inserção de negros no futebol e que excluir homossexuais do esporte é como se excluíssem da sociedade brasileira”, e afirma ainda que qualquer pessoa que não seja bem vista aos olhos da sociedade se tornam vítimas de problemas como esses.

O futebol se tornou um esporte cheio de ditados estúpidos e considerado mais importante que saúde e educação. O problema é que situações como essas são encaradas com normalidade pelas pessoas e, muitas vezes, elas acabam reproduzindo-as por estarem alienadas.

Mas e as mulheres? Será que elas também não sofrem? No futebol feminino, assim como em outros esportes, se tornou cada vez mais comum identificar mulheres participando de eventos grandes, como as olimpíadas. Mesmo no século XXI, com uma

presença feminina maior nos esportes, o preconceito e o machismo prevalecem. As pessoas se referem às mulheres como o sexo frágil, dizendo que futebol é lugar de macho, camuflando a verdade que existe por trás do futebol masculino.

Em uma das 17 crônicas que se relacionavam com futebol, um aluno faz a seguinte defesa “as mulheres são capazes de jogar futebol sim e qualquer outro esporte que queiram jogar, não existe sexo superior”. Outro texto de uma aluna diz “antes as mulheres não podiam praticar esportes, apenas os homens, mas hoje a realidade tem sido um pouco diferente, vemos as mulheres atuando em esportes como: boxe, ginástica, vôlei, futebol, entre outros”.

A trajetória de cada uma dessas atletas foi conturbada e alguns dos discentes colocaram em seus textos as dificuldades que elas passaram para chegar aos lugares em que estão hoje. Em muitas situações do esporte feminino, o preconceito contra as atletas começou ainda quando eram crianças, com pessoas da própria família colocando-as para baixo com apelidos ofensivos e gestos desagradáveis.

Os meninos podiam jogar bola, andar de bicicleta, as meninas ganhavam uma boneca e com essa boneca elas deviam aprender desde cedo como é ser mãe, como é lidar com os afazeres de casa. E mesmo após realizarem seu sonho, as atletas sofrem também por usarem roupas mais curtas, roupas tais que são seus uniformes.

Mas não são apenas as atletas que enfrentam problemas como esses. Os alunos e alunas que escreveram sobre machismo e assédio apresentaram alguns dados reais que são de extrema importância e foram tirados de jornais e da internet.

Uma estudante traz, em sua crônica, os seguintes dados: “hoje em dia o assédio não é tratado com tanta importância, um fato que ocorre todos os dias, de cada quatro mulheres, uma já sofreu assédio. Mais de 59% dessas mulheres não denunciam o agressor, pois não acreditam que a denúncia seguirá em frente. Só no estado de São Paulo, 80% das mulheres que sofreram assédio preferem se calar”. Não só mulheres, mas crianças com menos de 10 anos também sofrem assédio. A desculpa dos agressores é de que elas merecem ou que pediram por aquilo.

Enquanto muitos escolheram falar sobre machismo, racismo e homofobia, outros falaram da realidade por trás dos esportes, as manipulações de resultados, a corrupção que existe no meio esportivo. Alguns dos discentes que abordaram esses temas disseram que “o doping é um assunto bem delicado, pois não envolve só o doping, mas também

envolve corrupção e propina. Não são apenas atletas olímpicos (federações) que fazem uso, mas também jogadores de futebol”.

Eles ainda escreveram sobre as técnicas usadas para alterar os resultados dos exames que são feitos para identificar se o atleta contém essa substância em seu organismo. E mesmo sendo proibidas, muitos atletas ainda fazem uso delas para alcançarem a vitória. Um dos exemplos dado para essa situação foi o escândalo da Rússia na Olimpíada de 2016, haja vista que a equipe toda de atletismo foi banida das competições por causa do uso do doping.

Um dos discentes apresenta a seguinte solução para a situação da utilização de anabolizantes nos esportes: “uma forma de acabar ou amenizar os casos de uso de doping, seria aumentando a punição, tornando-a mais rigorosa em certos casos, aumentando os testes realizados no atleta e uma fiscalização durante os exames de doping”.

Outro estudante conclui que por conta desses escândalos “há sempre alguém atrás da prática desses esportes, seja perto de você como o seu treinador, como longe de você como o governo, onde ele manipula muitos tipos de resultados (como o do doping) para que seus atletas ganhem as competições e com isto o governo também ganha”.

Das três crônicas identificadas que tinham como tema as lutas, os discentes trouxeram falas sobre o alto rendimento do Boxe e do MMA, que hoje são os eventos mais lucrativos, e suas estrelas são os lutadores. Mas o que acontece depois com os lutadores que sofrem lesões graves no cérebro por conta do número de golpes que eles recebem na cabeça e nas demais partes do corpo? É simples! Eles passam a sofrer demência e outras doenças que prejudicam com o tempo o seu estado normal.

Um deles deu como o exemplo o ex-pugilista Maguila que foi lutador e campeão de boxe. Depois de muito tempo lutando ele passou a sofrer de demência e de uma doença neurológica. Mas quanto maiores os índices de rendimento, maior pode ser a lesão e o risco de uma doença cerebral. Isso também vai depender da quantidade de lutas que o lutador terá ao decorrer de sua carreira e da sua fama.

Esse mesmo discente falou dos equipamentos que diminuem o impacto dos golpes como o capacete, mesmo eles não sendo totalmente seguros, pois muitos lutadores fazem o uso dele e mesmo assim sofrem de algum tipo de doença.

Outra crônica traz a questão do preconceito sofrido por pessoas que possuem algum tipo de deficiência, e apresenta alguns dados “de acordo com uma pesquisa publicada pelo IBGE, no dia 21 de agosto de 2015, o Brasil tem 6,2% de população com algum tipo de deficiência, podendo ser física, visual, auditiva e intelectual”.

Nessa crônica, a aluna fala das possibilidades do esporte ser usado como uma forma de inclusão, para que pessoas com deficiência sejam inseridas na sociedade, sem que cause estranhamento em outras pessoas. A estudante ainda afirma que adaptações dos esportes são importantes, pois geram uma série de questões, como a melhora da qualidade de vida e da autoestima.

O esporte também pode ser utilizado como uma ferramenta para inclusão social das crianças e jovens de baixa renda, que não possuem escolaridade. Essas pessoas acabam sendo esquecidas pela sociedade e os poucos projetos que existem, muitas vezes, não possuem estrutura para atender todos aqueles que precisam dela. O estudante que escreveu essa crônica apresenta como exemplo o projeto “pia bom de bola, Gibinha”. Esse projeto usa o esporte como uma ferramenta atrativa para as crianças e conscientiza os jovens. Os projetos dão bons resultados, mas por não conseguirem apoio e patrocínio não seguem em frente.

Em meio a tantos textos que traziam abordagens pesadas, encontramos um no qual um aluno disserta sobre os novos tipos de esportes, não tão contemporâneos assim, mas com as inovações tecnológicas, novas possibilidades de jogos surgem, como modernas formas de jogar, inclusive sem sair de casa ou mesmo com pouca movimentação, podendo jogar sozinho contra a inteligência artificial, em dupla ou até mesmo com mais de dois jogadores, bastando estar conectado com a internet.

Esses jogos também gratificam os jogadores com medalhas de ouro, prata e bronze. Alguns desses jogos possuem rankings mundiais, sendo que os exemplos dados no texto foram os dos jogos: Overwatch, League of legends, Dota 2 e CS GO. Esses jogos apresentados na crônica são os mais jogados, além de serem considerados os mais famosos entre os jovens. Esses jogos podem ser jogados online, fazendo com que competições ocorram entre os participantes.

Com o número de competições que surgem diariamente, cada vez mais patrocinadores são atraídos. Esses jogos visam comunicação entre os jogadores e a criação de estratégias para vencer o adversário. Os jogadores que participam dessas

competições ganham muito dinheiro com as premiações, e muitos vivem apenas delas, o que faz as pessoas questionem como esses indivíduos ganham tanto com esses tipos de atividades, e como, algumas vezes, esses jogos superam a complexidade dos esportes físicos.

Destacamos que ao analisar as crônicas dos/das estudantes, foi possível identificar uma variedade de temáticas que estimularam o pensamento crítico dos/das jovens sobre a relação entre diretos humanos, diversidade cultural e práticas corporais.

Temas como machismo, racismo, homofobia, doping, violência, inclusão de pessoas com deficiência, e novos tipos de esportes foram identificados nos textos analisados, deixando a ideia de que todas essas temáticas foram discutidas nas aulas e possibilitaram que os/as jovens escrevessem em seus textos as suas impressões sobre o que aprenderam nas aulas de Educação Física.

Para deixar mais claro a qualidade dos textos e das discussões realizadas pelos/as estudantes, mostraremos cinco crônicas que foram analisadas. Não colocaremos os nomes dos alunos e das alunas que escreveram esse material para preservar a sua identidade.

Crônica 1 - O mundo do futebol padronizado

No futebol, muitas coisas são padronizadas pelos torcedores, jogadores e outras pessoas que trabalham nesse meio. A maioria dos jogadores tem uma história de vida muito parecida, do tipo: “nasci em um bairro muito pobre e gostava muito de futebol, mas não tinha dinheiro nem para comprar uma chuteira, jogava no campinho de barro eu matava aula para jogar” e falam que agora sustentam a família e ajudam a todos, ou são casados e com filhos, ou estão à procura de uma namorada ou esposa.

Mas desde muito tempo atrás, o futebol é um esporte extremamente machista e que segundo algumas pessoas é um esporte apenas para homens e isso faz alguns jogadores ficarem com medo de assumir a sua orientação sexual. Caso assuma, ele virará alvo de uma série de piadas machistas e homófobicas.

Um exemplo foi o jogador Alemão Thomas Hilzespzer, que já está aposentado e ao assumir sua orientação sexual, foi alvo de piadas nas redes sociais e preconceitos. O

outro caso foi o do jogador Emerson Sheik, que postou uma foto dando selinho no seu amigo e foi alvo de piadas. Ele não é homossexual e mesmo assim foi atacado.

Poucos no futebol aceitam as escolhas dos seus companheiros. Existe também o preconceito com futebol feminino. Eles dizem que elas são mais “frágeis” e isso é só mais uma desculpa pra chamar atenção para o futebol masculino. As mulheres são capazes de jogar futebol sim, e qualquer outro esporte que quieram, por não existir sexo superior.

O futebol é um túnel onde passam os que têm habilidade e dedicação, mas isso não importa se é homem, mulher, homossexual, bissexual ou trans. O futebol não precisa viver no armário e nem preso no século XIX.

Crônica 2 - Homofobia não é um problema

O time do Rio de Janeiro está na luta pela inserção de negros no futebol e o que mais chama atenção... Excluir homens homossexuais do esporte é como se os excluíssem da sociedade Brasileira. Eurico Miranda foi totalmente ignorante ao dizer que "Futebol é coisa para homem" e após seu discurso homofóbico, disse que não tem nada contra os homossexuais, sátira. Nenhuma pessoa “é” pela sua sexualidade, mas sim “é” pelo que faz, já disseram milhões de vezes que lugar de mulher, gay, não é jogando bola e nem lutando, porém esquecem suas origens, e tudo o que as mulheres conquistaram, e os gays, trans e lésbicas também. Não há problema em ser uma "bicha extrovertida" ele disse extrovertida, por você ser feliz e bem aceito por outras pessoas.

Ao exuberante Eurico Miranda não bastou ser só homofóbico, como racista e achar que só por uma cor, que irá definir que a pessoa nunca vai chegar onde deseja. Sou a prova que ser negra na sociedade em que vivemos talvez seja complicado, pois ainda em pleno século XXI, as pessoas têm nojo apenas da cor do próximo, quem realmente é, sabe o que passamos, muitos dizem que é exagero!

Você já viu um negro no Shopping São Paulo na Avenida Paulista? Eu não, os que eram, estavam trabalhando. Eu era a única e quando entrei em uma loja, fui tratada como se não tivesse dinheiro para comprar nada, depois de um tempo, a funcionária percebeu que eu tinha, e que não precisava ter medo, eu não iria roubar nada.

Dizem que há racismo reverso, existe sim, não só negros, como brancos, indígenas também sofrem, um negro gay na sociedade, sofre! Uma senhora negra dentro do metrô que chega perto de uma branca toda entojada, sofre! Assim como um branco sofre. O preconceito de gays no esporte é totalmente esquecido pelas pessoas, pela mídia, e por todo futebol brasileiro, só porque ele está ali suando a camisa pelo seu time, não representa que ele não possa ser gay, e vice-versa, homofobia abrange muita coisa, não só gay, lésbica, transexuais e bissexuais.

Todas as falas de Eurico Miranda são umas falácias e refletem a pura ignorância do futebol brasileiro que é, muitas vezes, priorizado antes da saúde, educação e moradia. As pessoas se matam por não serem aceitas, as pessoas acham bobagem, mas só quem realmente passa por toda aquela situação de preconceito sabe. O caso do jogador Richarlyson do São Paulo foi totalmente ridículo, ao indagarem que homossexualidade é crime. Crime é o preconceito e você fingir ser uma coisa para a sociedade te aceitar. O quadro se repete com o mesmo time, por recusar que um casal de gays pudessem ser sócios. No futebol brasileiro o único momento que teve debate realmente, foi quando na Copa de 2014 gritaram "ÔÔ Bicha". O brasileiro é 100% homofóbico e não percebe, pois leva tudo na famosa "zueira"

Crônica 3 - O Assédio Contra a Mulher

Hoje em dia, o assédio não é tratado com tanta importância, um fato que ocorre todos os dias, a cada 48 horas uma mulher sofre um assédio sexual, onde você tem que saber que roupa colocar, se não alguém irá mexer com você.

Você não pode andar com uma roupa de academia mais justa na rua, e você já recebe aquelas piadinhas, ou o famoso “nossa que gostosa”, o pior de tudo é se for se defender, nos escutaremos “você que pediu, com essa roupa”, “você que está provocando”, agora as mulheres não podem fazer exercícios físicos com roupas apropriadas, porque é nossa culpa se alguém veio com aqueles “elogios”.

Mulher também sofre assédios em esportes que são considerados masculinos, como muay thai ou qualquer outra luta. Os homens acham que só porque você é mulher tem que aceitar suas cantadas, ou aceitar assédio como elogio. Em muitos casos não é só o assédio, e sim o machismo também, você escuta que não pode fazer determinada coisa

por simplesmente ser mulher, exemplo de você não poder jogar futebol porque é coisa de menino, ou lutar porque você não tem força, e que seu lugar é no ballet porque é mais delicado, mas desde quando tem que ser delicada pra ser mulher.

A cada quatro mulheres uma já sofreu assédio, em qualquer lugar que seja, na academia, na rua, praticando um esporte, mais de 59% dessas mulheres não denunciam o agressor por acreditarem que a denuncia não terá efeito nenhum. Em São Paulo, 80% das mulheres que sofrem assédio preferem não prestar queixa.

Já houve casos em que a mulher não aceitou o assédio, e o homem se sentiu no direito de xingá-la, alegando que quem provocou foi ela. Os homens tem que aprender que “não” é “não”, e o corpo é nosso, e temos o direito de andar na rua sem medo de sermos assediadas, ou usar uma roupa, não é só porque um homem não sabe o limite do respeito que devemos mudar nosso jeito.

Meninas de menos de 10 anos já sofreram assédio, agora uma criança não pode mais brincar na frente da própria casa com medo.

Crônica 4 - Doping e corrupção no esporte

O doping é um assunto bem delicado no esporte, pois não envolve só o doping em si, mas também envolve corrupção e propina, o doping não é só usado por atletas olímpicos (federações), mas também por atletas de times de futebol, por exemplo.

Os atletas que usam doping na maioria das vezes são pegos e punidos, mas há casos de atletas que não são pegos no exame antidoping, por conta de seus exames serem adulterados por meio de seus contratantes ou federações que participam desse esquema terem pago propina. Um dos casos mais conhecidos de doping foi o da equipe da Rússia nas olimpíadas de Londres em 2012, que veio à tona após Yulia Stepanova (ex-atleta) ter denunciado todo o esquema de doping que existia na federação de atletismo da Rússia.

Muitos atletas, não só atletas que praticam esportes profissionalmente, mas também atletas que praticam esporte por lazer, ou até mesmo pessoas que não praticam tanto esporte podem estar usando doping sem saber por meio de medicamentos que possuam substancias proibidas. Há casos de atletas que são pegos no doping por terem tomado um remédio para dor que continha umas dessas substâncias.

Uma das formas de acabar ou amenizar os casos de doping seria aumentando a punição, tornando mais rigorosa em certos casos, aumentando o número de testes realizados nos atletas, além de uma maior fiscalização durante os exames de doping.

Crônica 5 - Riscos nas luvas

É notório que artes marciais tendem a ter certas consequências, principalmente quando elas são voltadas ao alto rendimento, como no caso do boxe e do MMA, que se tornaram eventos muito lucrativos e tendo como seus astros os lutadores. Mas o que acontece com esses lutadores quando levam golpes na região da cabeça?

Sim, há muitas consequências por conta da concentração de golpes na região da cabeça. Especialistas afirmam que após um nocaute muitos riscos podem estar associados, tais como AVC, derrame, entre outros acidentes cerebrais. Além disso, um lutador de boxe ou MMA tem grandes probabilidades de ter, eventualmente, uma doença neurológica.

Em uma pesquisa feita com 85 lutadores já falecidos, constatou-se que 68 cérebros (80% dos casos) possuem encefalopatia traumática crônica, uma doença neurológica que causa demência, dificuldade motora e, em decorrência dessa doença, casos psiquiátricos.

A Confederação Brasileira de Boxe determina afastamento de 30 a 120 dias após um nocaute, porém os golpes recebidos que não causam nocaute também são prejudiciais, pois contribuíam para doenças no futuro.

Um caso para ser exemplificado sobre esse assunto e o ex-pugilista Maguila “lutador brasileiro e campeão profissional de boxe sofre de demência, doença neurológica que pode sim ser a lidado ao seu tempo de competições”.

Lutadores de alto rendimento têm altos riscos de ter uma doença cerebral, mas esse risco é minado pelo faturamento financeiro e a fama decorrente do esporte, o que causa a omissão da verdade e falta de preocupação para achar uma solução plausível.

Uma das medidas a serem adotadas seria o uso do capacete, mesmo não sendo totalmente seguros, para evitar danos futuros, uma vez que ele diminui o impacto, assim diminuindo os riscos.

Mas a melhor solução seria o acompanhamento periódico com um especialista para estar ciente da sua condição e precavido caso for diagnosticado com uma doença neurológica.

Existem riscos muito altos associados ao boxe e ao MMA profissional, pois doenças neurológicas tendem a ser devastadoras e rápidas.

Discussão

Ao revisar a literatura da Educação Física, foi possível identificar que outros professores e professoras que ministram aulas desse componente curricular também estão realizando projetos educativos em que as discussões relacionadas com a diversidade cultural e os direitos humanos estão em pauta.

Rocha, Oliveira e Machado (2017) relataram uma experiência pedagógica em que os/as estudantes de uma instituição de Educação Infantil, localizada em Vitória-ES, vivenciaram aulas de Capoeira, “brincando” com os golpes dessa prática corporal e refletindo sobre diversificados elementos históricos da cultura afro-brasileira.

Bonetto (2018) tematizou com os/as alunos/as do Ensino Fundamental de uma escola municipal em São Paulo os jogos e as brincadeiras, organizando uma prática pedagógica em que as crianças puderam vivenciar e refletir sobre brincadeiras de matrizes africanas, brincadeiras dos povos indígenas brasileiros e brincadeiras de outras culturas e países, valorizando assim a diversidade cultural existente entre as diferentes culturas.

Bocchini (2017) descreveu um projeto educativo em que o autor tematizou o samba nas aulas de Educação Física Escolar com estudantes do Ensino Fundamental em uma escola municipal de São Paulo. Durante a realização das aulas, os alunos e as alunas conheceram diferentes ritmos relacionados com o samba, analisaram os instrumentos musicais utilizados para compor as músicas, refletiram sobre a influência da mídia na organização das escolas de samba e debateram sobre a relação da cultura africana com esse ritmo musical.

Tavares e Tavares (2017) criaram e implementaram um planejamento para as aulas de Educação Física Escolar do Instituto Federal de Minas Gerais, Câmpus Ouro Branco, em que as questões de gênero nas práticas corporais perpassam os conteúdos

dos três anos do Ensino Médio, enfatizando as seguintes reflexões com os/as estudantes: - existem esportes para meninos e para meninas?; - marcos legais do esporte feminino; - o espaço das mulheres no esporte; - a influência da mídia na reprodução das masculinidades e feminilidades; - investimentos e patrocínios do esporte feminino; dentre outros temas que relacionam as práticas corporais com as questões de gênero e sexualidades.

Assim sendo, concordamos com Maldonado e Silva (2017b), onde os autores apontam que está nascendo uma nova tradição didático-pedagógica nas aulas de Educação Física Escolar no Brasil, principalmente porque os/as docentes desse componente curricular não se enxergam mais como recreadores ou treinadores, mas sim como educadores que organizam projetos educativos que valorizam os conteúdos, que se relacionam com as manifestações da cultura corporal, estimulando a formação dos/das estudantes enquanto cidadãos, principalmente no que se refere ao respeito e valorização dos direitos humanos e da diversidade cultural.

Considerações Finais

O objetivo desse estudo foi analisar os temas relacionados com a diversidade cultural, os direitos humanos e as práticas corporais que estão sendo discutidos nas aulas de Educação Física.

Ao finalizar a análise, foi possível identificar que temas como “machismo”, “racismo”, “homofobia”, “doping”, “violência”, “saúde” e “inclusão de pessoas com deficiência” foram abordados nas crônicas escritas pelos alunos durante essas aulas. Importante ressaltar que todas essas temáticas sempre se relacionavam com alguma prática corporal.

Esse resultado mostrou que os/as estudantes refletiram e debateram sobre diversidade cultural e direitos humanos nas aulas juntamente com as práticas corporais, possibilitando que eles e elas ampliassem o seu repertório de conhecimentos sobre esses temas, podendo assim exercer de forma plena a sua cidadania, respeitando e valorizando as diferenças.

É de conhecimento de todas as pessoas que os/as jovens que vivem hoje no Brasil recebem influências sobre esses temas de diferentes canais de comunicação. Por

conta disso, não é possível afirmar que essas discussões realizadas nas aulas transformaram a postura dos/das estudantes, fazendo com que eles valorizassem mais a diversidade cultural. Entretanto, podemos dizer que trazer essas reflexões para as aulas de Educação Física constituem ser um primeiro passo para que os/as alunos/as possam se tornar adultos com maior consciência sobre essas temáticas, que são extremamente complexas e geram diferentes conflitos na sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BOCCHINI, D. Do batuque à identidade nacional: o samba na Educação Física Escolar. In__FARIAS, U. S.; NOGUEIRA, V. A.; MALDONADO, D. T. **Práticas Pedagógicas inovadoras nas aulas de Educação Física Escolar**: indícios de mudanças. Curitiba: CRV, 2017. p. 171-182.
- BONETTO, P. X. R. Brincadeiras de “todo mundo”?inspirações pós-coloniais na Educação Física. In__MALDONADO, D. T.; NOGUEIRA, V. A.; FARIAS, U. S. **Os professores como intelectuais**: novas perspectivas didático-pedagógicas na Educação Física Escolar brasileira. Curitiba: CRV, 2018. p. 213-230.
- BRACHT, V. Entre a inovação e o desinvestimento pedagógico na Educação Física no Brasil. In__BRACHT, V.; ALMEIDA, U. R.; WENETZ, I. **A Educação Física Escolar na América do Sul**: entre a inovação e o abandono/desinvestimento pedagógico. Curitiba: CRV, 2018. p. 45-51.
- BRASIL, Ministério de Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: Educação Física** / Secretaria de Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC/ SEF, 1998.
- BRASIL, Ministério de Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio: Educação Física** / Secretaria de Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 2000.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>>. Acesso em: 15 de abr. 2017.

- FILGUEIRAS, I. P.; PACHECO, M. S. Educação Física integrada a área de linguagens: inovações na prática pedagógica do Ensino Médio. In__NOGUEIRA, V. A.; FARIAS, U. S.; MALDONADO, D. T. **Práticas Pedagógicas inovadoras nas aulas de Educação Física Escolar**: indícios de mudanças 2. Curitiba: CRV, 2017. p. 179-190.
- FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**: manual de metodologia da pesquisa em Ciências Humanas. Porto Alegre: Artes Médicas; Belo Horizonte: UFMG, 1999.
- MALDONADO, D. T. et al. Reflexões e desafios de uma experiência pedagógica com a tematização de esportes na escola pública. In__NOGUEIRA, V. A.; FARIAS, U. S.; MALDONADO, D. T. **Práticas Pedagógicas inovadoras nas aulas de Educação Física Escolar**: indícios de mudanças 2. Curitiba: CRV, 2017. p. 159-178.
- MALDONADO, D. T.; NOGUEIRA, V. A.; FARIAS, U. S. **Os professores como intelectuais**: novas perspectivas didático-pedagógicas na Educação Física Escolar brasileira. Curitiba: CRV, 2018.
- MALDONADO, D. T.; SILVA, S. A. P. S. **Do “rola a bola” à inovação pedagógica nas aulas de Educação Física Escolar**: uma análise dos bastidores do cotidiano escolar público. Curitiba: CRV, 2017a.
- MALDONADO, D. T.; SILVA, S. A. P. S. Uma nova tradição didático-pedagógica na Educação Física da escola pública brasileira. In__ FARIAS, U. S.; NOGUEIRA, V. A.; MALDONADO, D. T. **Práticas Pedagógicas inovadoras nas aulas de Educação Física Escolar**: indícios de mudanças. Curitiba: CRV, 2017b. p. 141-156.
- NEIRA, M. G. **Educação Física Cultural**: o currículo em ação. São Paulo: Labrador, 2017.
- ROCHA, M. C.; OLIVEIRA, S. R. B.; MACHADO, T. S. Capoeira na Educação Infantil: brincando com os saberes da cultura afro-brasileira. In__NOGUEIRA, V. A.; FARIAS, U. S.; MALDONADO, D. T. **Práticas Pedagógicas inovadoras nas aulas de Educação Física Escolar**: indícios de mudanças 2. Curitiba: CRV, 2017. p. 49-62.
- TAVARES, M. L.; TAVARES, A. C. Educação para a diversidade: (des)construindo as relações de gênero e sexualidade nas aulas de Educação Física Escolar no Ensino Médio. In__NOGUEIRA, V. A.; FARIAS, U. S.; MALDONADO, D. T. **Práticas**

Pedagógicas inovadoras nas aulas de Educação Física Escolar: indícios de mudanças

2. Curitiba: CRV, 2017. p. 191-204.

PHYSICAL EDUCATION AT HIGH SCHOOL: REFLECTING UPON THE (NON) EXISTENCE OF CULTURAL DIVERSITY ON CORPORAL PRACTICES

ABSTRACT

The objective of this study is to analyze themes related to cultural diversity, human rights and corporal practices that are being discussed in Physical Education classes. It was conducted a documental research of 82 chronicles of High Schoolers that attended the Federal Institute of São Paulo. These texts were produced during Physical Education classes after reflections upon themes that involve corporal practices, human rights and cultural diversity. The analyzed chronicles showed that students discussed subjects such as sexism, racism, homophobia, violence and health, relating these themes to corporal practices.

Keywords: High School. School's Physical Education. Cultural Diversity.

Envio: maio/2018

Aceito para publicação: julho/2018